



ORIENTE MÉDIO

Após a devastação, é hora da esperança

Cúpula no Egito discutirá futuro da região. Israel transfere prisioneiros para a troca, e Hamas reúne sequestrados. Palestinos que já voltaram à Cidade de Gaza encontraram terra arrasada, mas sonham com dias melhores

No segundo dia do cessar-fogo entre Israel e Hamas em vigor, cerca de 500 mil palestinos já haviam voltado ontem à Cidade de Gaza e arredores. Encontraram a região em ruínas, devastada pelo bombardeio implacável das forças israelenses desde o ataque terrorista do Hamas em 7 de outubro de 2023. Mesmo em meio aos escombros, com a infraestrutura destruída e a ajuda humanitária apenas recomeçando, os moradores de Gaza insistem na esperança.

Aguardam com ansiedade os próximos passos do acordo de paz proposto pelos Estados Unidos. Os primeiros sinais do que a região pode esperar devem sair de uma cúpula de países árabes, europeus, Israel e Estados Unidos, marcada para segunda-feira (13/10), no Egito, onde também deve ocorrer a assinatura formal da primeira parte do armistício.

Uma paz duradoura, porém, ainda tem muitos obstáculos pela frente. Tanto no governo de Israel quanto nas fileiras do Hamas há resistências sobre vários pontos das próximas etapas contidas no plano proposto pelo governo de Donald Trump. Um dos principais itens é o desarmamento do Hamas e a saída dos integrantes do movimento da área. Ontem, em entrevista à agência de notícias France Presse (AFP), Hosam Badran, membro do comitê político do movimento islamista palestino, afirmou que as novas negociações serão “mais complexas e difíceis”.

E completou: a previsão de que os membros do Hamas deixem Gaza, incluída no plano de paz do presidente dos EUA, é “absurda”. Para Badran, “falar em expulsar palestinos, sejam eles membros do Hamas ou não, de sua terra é absurdo e sem sentido”.

Troca próxima

O acordo que acaba de entrar em vigor foi firmado no Egito, com base em um plano de 20 pontos proposto por Trump.

Segundo o documento, Israel deve libertar 250 prisioneiros palestinos, incluindo alguns que cumprem penas de prisão perpétua por ataques fatais, e o Hamas tem até segunda-feira para libertar os 48 reféns israelenses que ainda estão em Gaza, alguns vivos e outros mortos em cativeiro.

Trump afirmou ainda na sexta-feira que o Hamas já estava reunindo os reféns que devolverá a Israel, provavelmente nesta segunda-feira. Horas depois, o Serviço Prisional de Israel emitiu um comunicado informando que tinha começado durante a noite a transferência dos presos que serão trocados com o Hamas.

Outros 1.700 palestinos, detidos pelo Exército israelense durante operações militares em Gaza desde os ataques do Hamas em 7 de outubro de 2023, também serão libertados como parte do acordo de cessar-fogo.

Preparativos

Os chefes da diplomacia do Egito e dos Estados Unidos passaram o sábado fazendo preparativos para a cúpula que será realizada na cidade litorânea de Sharm el-Sheikh, e na qual serão discutidas a implementação da primeira fase do acordo de cessar-fogo em Gaza e os próximos passos na busca por paz e estabilidade na região.

O presidente dos EUA, Donald Trump, e seu homólogo egípcio, Abdel Fattah el-Sisi, copresidirão a cúpula, que também contará com a presença de outros líderes, informou o Ministério das Relações Exteriores egípcio em um comunicado.

O presidente francês, Emmanuel Macron, viajará ao Egito na segunda-feira para discutir com outros participantes “as próximas etapas da implementação do plano de paz”, anunciou ontem a Presidência francesa.

O chefe de governo espanhol, Pedro Sánchez, e a primeira-ministra italiana, Giorgia Meloni,

Evad Baba/AFP



Esperança em meio à devastação: cerca de 500 mil palestinos já retornaram à Cidade de Gaza, e muitos mais estão a caminho



Falar em expulsar palestinos, sejam eles membros do Hamas ou não, de sua terra é absurdo e sem sentido”

Hosam Badran, integrante do comitê político do Hamas

também são esperados no Egito.

Na sexta-feira, o chefe da diplomacia egípcia, Badr Abdelatty, e o secretário de Estado norte-americano, Marco Rubio, discutiram os preparativos para a reunião, particularmente “a participação internacional na cúpula”.

Ao lado dos Estados Unidos e do Catar, o Egito desempenhou um papel decisivo nas negociações que levaram ao cessar-fogo — e à esperança de que uma nova era permita uma paz duradoura entre palestinos e israelenses.

AFP



Vista aérea mostra pessoas andando em meio à destruição de Gaza

Conexão diplomática



POR SILVIO QUEIROZ
silvioqueiroz.df@gmail.com

Pragmatismo ou ideologia?

As relações bilaterais formais entre Brasil e EUA voltam aos trilhos de costume na sequência do telefonema entre os presidentes Lula e Donald Trump. Como desdobramento, conversaram também, depois, o chanceler Mauro Vieira e o secretário de Estado Marco Rubio. Os titulares da diplomacia dos dois principais países das Américas acertam agora data e agenda para um encontro em pessoa, em Washington.

No centro, seguramente, estará o contencioso comercial iniciado com o tarifaço baixado por Trump em julho e vigente desde agosto. Em particular, a injunção política: Trump vinculou a represália ao julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro, a esta altura já condenado por tentar um golpe de Estado.

Pelo lado brasileiro, o empenho será na direção de discutir a definição das tarifas para importação dos nossos produtos em bases técnicas. Afinal, o país apresenta deficit nas trocas com os EUA há uma

década, com saldo negativo acumulado na casa dos bilhões de dólares.

Resta saber o que prevalecerá à mesa: o pragmatismo do diplomata profissional ou o viés ideológico de um político que ocupa circunstancialmente a chefia do Departamento de Estado.

Entre amigos

Marco Rubio, senador pela Flórida, é de família cubano-americana e fez carreira com discurso e ação pautados pelo anticomunismo. Além do regime de Havana, tem na mira, permanentemente, os da Venezuela e da Nicarágua. Não esconde a antipatia pelo atual governo brasileiro.

Não é por acaso que coleciona afinidades políticas e cultiva relações com a família Bolsonaro. Em particular, com o deputado Eduardo (PL-SP), o “filho 03” do ex-presidente, radicado nos EUA desde o início do ano com a missão de articular medidas do governo Trump contra o Brasil — antes

de tudo, contra o STF.

Rubio teria sido um dos seus interlocutores nas gestões que resultaram no tarifaço. E foi quem anunciou sanções pessoais sobre Alexandre de Moraes e outros ministros do Supremo, extensivas a familiares.

Pediú água?

As expectativas do Planalto e do Itamaraty se concentram, agora, no possível impacto favorável da relação pessoal estabelecida entre Lula e Trump. Depois de exaltar a “química” do breve encontro na sede da ONU, o presidente dos EUA voltou a manifestar satisfação com o contato telefônico. Possivelmente, os dois governantes se sentarão cara a cara ainda neste mês, na Malásia, durante o encontro de cúpula da Asean, que reúne 10 países do Sudeste Asiático.

Pelo telefone, segundo relatou Lula, o magnata teria admitido que os norte-americanos “estão sentindo falta” do cafezinho

brasileiro. Pode ser uma fresta para rever a tarifa de 50% imposta também à carne e ao suco de laranja, que completam o “trio de ferro” das exportações do agro para os EUA.

Parece, mas...

A exemplo do que fica à vista no empurrão decisivo para o cessar-fogo em Gaza — ainda que em escala nitidamente menor —, a correção de rumo ensaiada com o Brasil reforça a impressão de que Trump está habituado a jogar duro, mas também a buscar soluções para contenciosos e disputas.

Diferentemente da contraparte brasileira, que se temperou nas mesas de negociações do universo sindical, o titular da Casa Branca se fez na selva do mercado imobiliário, em especial o nova-iorquino. Construiu um império de hotéis e cassinos, entre outros empreendimentos.

Resta saber se chegará a constatar que, apesar das semelhanças aparentes, “negociar” não é propriamente sinônimo de “fazer negócios”. Seja em português, seja em inglês.

Carta na manga

Fica igualmente como incógnita a linha de intervenção que o secretário de Estado adotará no trato direto com o chanceler brasileiro. Mauro Vieira foi embaixador em Washington entre 2010 e 2015, período em que Marco Rubio ocupava uma das cadeiras reservadas à Flórida no Senado. Por opção, teve sempre atuação no tema das relações exteriores, com ênfase no cerco aos regimes e governos de esquerda na América Latina.

Chegará à mesa com o colega brasileiro “valorizado” pelo Nobel da Paz conferido a Maria Corina Machado, líder da oposição venezuelana e, como Eduardo Bolsonaro, radicada nos EUA e ativa na articulação de sanções ao governo chavista de Nicolás Maduro.

Em tempo: o governo Lula não reconheceu formalmente como legítima a reeleição de Maduro, no ano passado; mas manifesta incômodo e preocupação com as operações da força aeronaval deslocada pelos EUA para o litoral caribenho da Venezuela.

Rubio é um dos articuladores e entusiastas da operação.